

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

CLEANNE GREYCE QUEIROZ RODRIGUES

**REALIZAÇÃO, FUNÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE VOGAIS LONGAS EM
YAATHE (FULNI-Ô), LÍNGUA INDÍGENA BRASILEIRA**

DELMIRO GOUVEIA – AL
2019

CLEANNE GREYCE QUEIROZ RODRIGUES

**REALIZAÇÃO, FUNÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE VOGAIS LONGAS EM
YAATHE (FULNI-Ô), LÍNGUA INDÍGENA BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão, como requisito final para a obtenção de título de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

R696r Rodrigues, Cleanne Greyce Queiroz

Realização, função e distribuição de vogais longas em Yaathe
(fulni-ô), língua indígena brasileira / Cleanne Greyce Queiroz Rodrigues. – 2019.

43 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Língua indígena. 2. Vogais longas. 3. Fonologia. 4. Yaathe
I. Silva, Fábiana Pereira da. II. Universidade Federal de Alagoas.
III. Título.

CDU: 811.87'3

FICHA DE AVALIAÇÃO

Cleanne Greyce Queiroz Rodrigues

**REALIZAÇÃO, FUNÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE VOGAIS LONGAS EM
YAATHE (FULNIÓ), LÍNGUA INDÍGENA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Alagoas, UFAL, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciada em
Letras/Língua Portuguesa, tendo como
orientadora a Professora Doutora Fabia
Pereira da Silva. Aprovado em
12/12/2019

Fabia Pereira da Silva

Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva -UFAL (ORIENTADORA)

Banca Examinadora:

Januacele da Costa
Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa - UFAL (EXAMINADORA INTERNA)

Cristlaini da Silva Dias
Profa. Ms. Cristlaini da Silva Dias - PPGL UFAL (EXAMINADORA EXTERNA)

*A minha família, em especial, a minha mãe, Maria Goretti, e
a minhas avós, Hylda e Consuelo (Nina).*

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a minha família, em especial a minha mãe, Maria Goretti, por me proporcionar todo apoio e incentivo necessário para que eu nunca desistisse de alcançar meus objetivos;

As minhas primas, Letícia e Maysa, irmãs que a vida me deu e que estiveram sempre comigo;

Ao meu primo Gecildo que, apesar de termos traçado caminhos distintos, sempre foi/é uma inspiração para mim, pelas conversas que me motivaram a continuar, e por todo o incentivo;

Ao meu tio, Antônio, e à minha prima, Patriana, por sempre me compreenderem e me oferecerem um lugar para ficar quando eu precisei, e suas filhas Érica e Ana que sempre foram receptivas comigo;

Aos meus amigos de fora da UFAL, entre os quais destaco Ana Paula, Carmelita, Débora e Suzana, por estarem presentes em grande parte desse processo e durante a minha vida. Em especial a minha amiga de infância, Denise, por ser inspiração para mim, por todos os conselhos, por me motivar e me apoiar sempre;

A minha amiga maravilhosa, Daniela, que mesmo com a distância sempre se faz presente, dividindo comigo os melhores momentos. Serei sempre grata pela parceria, por todo o apoio e incentivo;

As melhores pessoas que a UFAL poderia me proporcionar conhecer, como a minha turma “Os letrados”, por todas as lutas, motivações e aprendizados, nas pessoas de Andreia, Dayana, Isabela, Mariana, Mikaela, Manoel, Rakel e Rejane. Em especial às “Letrandas Mito”, nas pessoas de Adriana, Camila Araújo, Camila Xavier e Marta que dividiram comigo os choros e alegrias de toda a trajetória acadêmica;

Destaco aqui Camila Araújo, por me ajudar sempre, por todos os conselhos, por me inspirar e me apoiar ao longo de todo esse percurso;

A todos/as os/as professores e professoras, de modo especial aos/as queridos/as Thiago, Márcio, Elyne e Murilo. Obrigada pela dedicação e pela grande contribuição à minha vida acadêmica, por todos os conhecimentos adquiridos;

A minha querida professora Fábria, pela orientação, por todo conhecimento em sala de aula, e por me direcionar para a pesquisa em línguas indígenas, em particular a língua *Yaathe*, e me proporcionar o contato com o povo Fulni-ô;

Ao grupo de estudos em línguas indígenas – Gelind – o qual foi a porta de entrada para a minha pesquisa e que muito contribuiu em todo esse processo;

Agradeço também aos/as nossos/as informantes, fundamentais para a realização da nossa pesquisa, Djik (Cícero), Nelma, Telma e Ivolene, assim como a Maria José pela acolhida e hospitalidade, a Celsa e a Januacele por toda a recepção e por nos permitir realizar as entrevistas em sua casa;

A minha psicóloga, Maralena, com quem pude contar nos momentos mais difíceis, por ter me escutado durante esse processo, por me ajudar emocionalmente e por me ajudar a entender que sou capaz e posso ir além;

Enfim, gostaria de agradecer a todos/as que direta ou indiretamente me ajudaram a chegar até aqui, e torcem pelo meu sucesso. SOU MUITO GRATA A TODOS/AS VOCÊS!

O conhecimento é em si mesmo um poder.
(Sir Francis Bacon)

RESUMO

O projeto de pesquisa que resultou nesta monografia teve por objetivo analisar a *realização, função e distribuição de vogais longas em Yaathe (Fulni-ô), língua indígena brasileira*. Para a efetuação deste trabalho, recorreremos a estudos de caráter fonológico e morfofonológico como suporte para discorrer sobre o tema abordado, ancorando-nos, principalmente, em Borba (2008), Camara Jr., (2008) e Silva (2015). Do ponto de vista metodológico, utilizamos a metodologia adequada para a pesquisa da linguística descritivista, partindo da coleta de dados, transcrição, tratamento e elicitación, descrição e análise. Utilizamos os dados coletados em visita à aldeia Fulni-ô, assim como dados já existentes no *Banco de Dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô)* (COSTA, OLIVEIRA e SILVA, 2015). O referencial teórico e metodológico utilizado na análise dos dados que nos possibilita conhecimentos necessários para a obtenção de resultados, foi encontrado em autores como Costa (1999, 2015) e Silva (2011 2016). Para falarmos sobre os estudos linguísticos e seu percurso histórico, assim como sobre as línguas indígenas no Brasil, apoiamo-nos em Mateus e Villalva (2006), Rodrigues (2005), Fiorin (2003), Saturtino (2014). Os resultados da análise mostram que as vogais longas apresentam dois tipos de função: distintiva e alofônica. As primeiras são fonemas na língua, resultado, possivelmente, de processos fonológicos e morfofonológicos que se cristalizaram e, mesmo que não se encontrem pares mínimos ou pares análogos entre vogais breves/longas que possam desempenhar função distintiva, elas podem ser consideradas como fazendo parte do quadro fonológico da língua Yaathe. As segundas são resultado de processos fonológicos e morfofonológicos ainda passíveis de serem identificados sincronicamente e, por isso, são realizações alofônicas de vogais breves.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Indígena; Yaathe; Fonologia; Vogais longas

ABSTRACT

The research project that resulted in this monograph aimed to analyze the realization, function and distribution of long vowels in Yaathe (fulniô) Brazilian indigenous language. For the accomplishment of this work we used phonological and morphophonological studies as a support to talk about the theme approached, anchoring us, mainly, by Borba (2008), Camara Jr., 2008 e Silva (2015). From the methodological point of view, we use the appropriate methodology for the research of descriptive linguistics, starting from data collection, transcription, treatment and elicitation, as well as description and analysis. We use the data collected during the visit to the Fulni-ô village, as well as data already existing in the Yaathe (Fulni-ô) Documentation of the Brazilian Indigenous Language Documentation Project Database (COSTA, OLIVEIRA and SILVA, 2015). The theoretical and methodological framework used in the data analysis that provides us with the necessary knowledge to obtain results was found in authors such as Costa (1999, 2015) and Silva (2011, 2016). To talk about linguistic studies and their historical course as well as on indigenous languages in Brazil, we rely on Mateus and Villalva (2006), Rodrigues (2005), Fiorin (2003), Saturnino (2014). The results of the analysis show that long vowels have two types of function: distinctive and allophonic. The first ones are phonemes in the tongue, possibly resulting from phonological and morphophonological processes that have crystallized and, even if there are no minimal pairs or analogous pairs between short / long vowels that can perform distinctive function, they can be considered as part of phonological picture of the Yaathe language. The second is the result of phonological and morphophonological processes that can still be identified synchronously and, therefore, are allophonic realizations of short vowels.

KEYWORDS: Indigenous Language; Yaathe; Phonology; Long vowels

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

1SG= primeira pessoa singular

CAUS= causal

CIRC = circunstancial

COMP= companhia

COM= conectivo

C= consoante

COR= coronal

COND = condicional

DET= determinante

FAC= factivo

LOC= locativo

FEM = feminino

IMP= imperativo

IND = indicativo

INST = instrumento

POS = possessivo

POSP = posposição

V = vogal

- fronteira de morfema

// = transcrição fonológica

[] = transcrição fonética

: alongamento de vogal

= clítico

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Mapa da localização da cidade de Águas Belas, Pernambuco.....	21
Figura 2 – Aparelho fonador humano.....	24
Figura 4 – Vogais do IPA.....	26
Quadro 1 – Fonemas consonantais da língua Yaathe.....	29
Quadro 2 – Fonemas vocálicos da língua Yaathe.....	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. ESTUDOS LINGUÍSTICOS, LÍNGUAS INDÍGENAS E LÍNGUA YAATHE	15
2.1 Estudos Acerca da Língua/gem: Uma Perspectiva Histórica.....	15
2.2 Línguas Indígenas.....	18
2.3 A Língua Yaathe	21
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA DA PESQUISA	23
3.1. Fonética e Fonologia	23
3.1.1 Fonética.....	24
3.1.2 Fonologia.....	27
3.2 Esboço da Fonologia do Yaathe	28
3.3 Metodologia da Pesquisa	30
4. VOGAIS LONGAS NA LÍNGUA YAATHE: RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
4.1 Ocorrências de Vogais Longas em Yaathe	31
4.2.1 Vogais longas com função distintiva	31
4.2.2 Vogais longas decorrentes de alongamentos compensatórios.....	32
4.2.2.1 Apagamento de sílaba /wV/	33
4.2.2.2 Apagamento de sílaba /hV/	34
4.2.2.3 Apagamento de /h/ em fronteira de clítico pronominal	34
4.2.2.4 Fusão de traços de vogais em fronteira de clítico pronominal	35
4.2.2.5 Apagamento da sílaba /ne/ em fronteira de morfemas	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
Referências.....	39
ANEXO	41

1. INTRODUÇÃO

Os povos indígenas, desde a época da colonização, vêm sofrendo um processo de apagamento de etnias, a maioria das línguas foram silenciadas, perdendo, assim, parte ou toda sua cultura. Estima-se que há 500 anos¹ existia um grande número de línguas faladas no território brasileiro e que atualmente são faladas cerca de 180 línguas indígenas, entre elas a língua Yaathe, dos índios Fulni-ô.

A aldeia Fulni-ô fica localizada no município de Águas Belas, Pernambuco. Os Fulni-ô mantêm viva a cultura e a língua Yaathe, que está filiada ao tronco Macro-jê². Nessa perspectiva, o povo Fulni-ô carrega uma riqueza sociocultural e histórica muito importante para os estudos linguísticos, visto que preserva até os dias atuais a sua língua, mesmo com todo o apagamento das línguas nativas e etnias indígenas na região Nordeste ao longo do tempo.

O interesse por este trabalho foi despertado durante a participação no grupo GELIND (Grupo de Estudos em Línguas Indígenas), que se desenvolve na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *campus* sertão, sob a coordenação da Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva.

O tema aqui pesquisado, *Realização, função e distribuição de vogais longas na língua Yaathe (Fulni-ô), língua indígena brasileira* foi sugerido pela orientadora, Dra. Fábiana, durante a participação no grupo de estudos, levando em conta a necessidade do estudo sobre esse tema na língua estudada.

Para a realização dessa pesquisa, utilizamos a metodologia utilizada na linguística descritivista, partindo da coleta de dados *in loco*, transcrição, tratamento e elicitación dos dados, bem como a descrição e análise de acordo com as teorias linguísticas propostas. Para isso, utilizamos tanto os dados coletados pelo grupo de estudos – GELIND – realizado em abril de 2018, na aldeia Fulni-ô, município de Águas Belas, Estado de Pernambuco, Brasil, quanto dados já existentes no *Banco de Dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô)*.

¹ Segundo Rodrigues, 2005.

² Macro-Jê é um tronco linguístico formado por várias línguas indígenas brasileiras. Essas línguas são faladas por povos indígenas que habitam, principalmente, regiões do interior dos Estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Pará, Tocantins, Pernambuco e Espírito Santo.

O desenvolvimento desta pesquisa foi feito a partir de entrevistas com quatro informantes, indígenas da tribo Fulni-ô, falantes da língua nativa Yaathe. Para tanto, para serem alcançados nossos objetivos, os informantes respondiam às perguntas e/ou repetiam frases, e/ou palavras ditas pelos estudantes/pesquisadores em português e respondidas em Yaathe. Para isso, os pesquisadores do grupo GELIND, utilizaram uma lista com palavras e/ou frases selecionadas, de acordo com o objetivo específico, neste caso o de estudar a ocorrência de vogais longas.

Para o desenvolvimento da pesquisa na comunidade, realizamos a elaboração de listas de palavras e questionários para elicitación e coleta de dados, que foram posteriormente gravados com equipamentos profissionais, disponibilizados pelo grupo FONUFAL³. Utilizamos dados coletados e já existentes

do *Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô)*, assim como trabalhos já existentes na área como Costa (1999, 2015), e Silva (2011, 2016).

Assim, após a realização da coleta de dados, realizamos as análises e transcrições de cada palavra proferida pelo informante. Para a realização deste trabalho, ancoramos nossa pesquisa em bases teóricas fonológicas e morfofonológicas (Borba, 2008; Camara Jr., 2008; Silva, 2015). Para contextualizar sobre a fonologia e morfofonologia utilizamos trabalhos prévios sobre a língua, tais como Costa (1999), Silva (2011, 2016).

Nosso trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo é esta introdução. O segundo capítulo aborda os estudos linguísticos, fazendo um percurso histórico, bem como trata das línguas indígenas brasileiras, de modo geral, e, mais especificamente, apresenta a língua Yaathe. O terceiro capítulo é dedicado ao aporte teórico, assim como traz a metodologia usada neste trabalho. O quarto e último capítulo traz o resultado da nossa análise sobre o tema estudado e os resultados obtidos.

Esse trabalho se torna relevante no que tange à pesquisa e análise dos dados, contribuindo para o banco de dados e estudos que ainda não foram realizados, corroborando para manter viva a cultura e ajudando para a criação de novos materiais didáticos para o povo Fulni-ô e para o conhecimento de outras línguas, como a língua em questão. Do ponto de vista da Linguística, contribui para

³ Grupo de Estudos de Fonética e Fonologia da Faculdade de Letras, UFAL, *CampusMaceió*.

nos ajudar a compreender e refletir sobre os diferentes níveis de análise de uma língua natural.

Esperamos que o nosso conhecimento e entendimento possa contribuir de forma positiva para a valorização da língua Yaathe, e para estudos posteriores, a fim de construir materiais didáticos. Além disso, consideramos que trabalhos desse tipo podem ser importantes para a manutenção de uma cultura e da sua língua, nos possibilitando o privilégio de conhecer e estudar sobre a gramática da língua Yaathe, em seus aspectos teóricos ou empíricos. Nesse sentido, é notável a grande relevância para os estudos linguísticos, levando em consideração a existência de uma língua e uma cultura que se mantêm vivas, mesmo com o processo de apagamento das línguas nativas no Nordeste ao longo do tempo.

Sobretudo, é possível perceber que, apesar das discussões, leituras e fichamentos realizados, há uma diversidade extensa com relação aos dados linguísticos e estudos dos sons da fala, e que ainda há muito a se estudar e a se dizer com relação ao nosso objeto de estudo.

2. ESTUDOS LINGUÍSTICOS, LÍNGUAS INDÍGENAS E A LÍNGUA YAATHE

O presente capítulo apresenta os seguintes tópicos. No primeiro, tratamos sobre estudos linguísticos através de uma perspectiva histórica, a partir dos estudos que vão de Pānini até os estudos sociolinguísticos (MATEUS E VILLALVA, 2006; FIORIN, 2003). Em seguida, falamos sobre as línguas indígenas no Brasil (SATURTINO, 2014; RODRIGUES, 2005) e, por fim, apresentamos a língua indígena Yaathe.

2.1 Estudos Acerca da Língua/gem: Uma Perspectiva Histórica

A linguística é a área que se dedica ao estudo científico da linguagem. Apesar do interesse sobre a linguagem humana ser muito antigo, a linguística é considerada uma ciência recente, pois o seu *status* como ciência data do século XX. O *status* científico foi um fator importante para que surgissem outras pesquisas na área, para melhor entender a língua humana e suas propriedades. Assim, foram definidos os níveis de análise da língua, como fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Foram ainda desenvolvidas subáreas de pesquisas como a sociolinguística, a linguística aplicada, a linguística histórica, todos esses campos ajudam a entender como a língua funciona e como é influenciada pelos falantes.

O primeiro estudo linguístico de que se tem registro é o de Pānini, gramático hindu que viveu em (520- 460 a.C). Os estudos dessa época tinham a preocupação em estudar a língua com interesses religiosos, para a preservação de textos sagrados. A gramática de Pānini teve grande relevância para os estudos fonéticos e fonológicos a partir do Sânscrito. Sobre a gramática de Pānini, Mateus e Villalva (2006) afirmam que

A descrição dos sons, a representação das sílabas com caracteres conforme as consoantes e vogais que as constituem, as regras ou definições com que o autor explica a construção das frases ou dos nomes compostos mostram um conhecimento aprofundado do funcionamento do Sânscrito. (MATEUS E VILLALVA, 2006, p. 31).

A preocupação da época era, assim, preservar uma variedade da língua, e foi estabelecido um conjunto de regras muito importantes para o desenvolvimento das gramáticas que conhecemos nos dias atuais. Nessa perspectiva, no ocidente, a reflexão sobre as línguas surge ainda na antiguidade clássica com os gregos,

influenciados por Pãini, porém com pensamentos diferentes a respeito da linguagem.

Os conceitos desenvolvidos foram influenciados por Platão (428- 348 a.C) e Aristóteles (384-322 a.C), nos estudos linguísticos, com a concepção de naturalidade e arbitrariedade da língua, ou seja, a concepção de que as palavras refletem a realidade e que as nomeia, ou ainda o significado como parte de um consenso da sociedade, havia uma discussão sobre se a nomeação das coisas se dava por “natureza” ou por “convenção”.

Essas discussões foram importantes para o conhecimento acerca do funcionamento da língua, assim como para a criação de gramáticas. As obras dos gramáticos gregos tiveram grande repercussão através dos estudos latinos, dentre estes se destacam os estudos de Varrão (116-27 a.C), que distingue o uso da língua comum ao uso literário, Quintiliano (c. 40-10 d.C), que se dedicava a ensinar retórica, e Elius Donatus (século IV d.C) que se ocupava com o estudo da categorização das palavras.

Na idade média, o latim era utilizado como modelo, a fim de elaborar o ensino de línguas estrangeiras, pois o latim era considerado uma língua franca. Assim, os estudos das línguas vernáculas influenciadas pelas gramáticas latinas, cresceram a partir da difusão de textos escritos, sobretudo com a invenção da tipografia, já que o texto escrito se difunde com mais facilidade e permanece preservada por mais tempo que a língua oral.

Em Portugal, no século XVI, surgem as primeiras gramáticas do português, com o estudo das palavras e das frases, assim como o desenvolvimento do estudo da língua falada com a fonética. Com o Renascimento, desenvolve-se estudos que desconsideram aspectos gerais, atentando-se a particulares da língua, assim como características que distinguem as línguas entre si. Durante o século XVI, passam a ser impulsionadas as primeiras obras de ortografia e cartilhas, com o objetivo de ensinar a ler e escrever uma variedade da língua considerada privilegiada, em vista de outras variedades que fugiam de uma norma padrão.

No século XIX, começaram a surgir gramáticas comparadas, com o intuito de fazer um estudo comparativo e buscar uma relação de parentesco entre as línguas. Essa época foi muito importante para a linguística histórica. Segundo Fiorin (2003, p. 8),

A descoberta de semelhanças entre essas línguas e grande parte das línguas europeias vai evidenciar que existe entre elas uma relação de parentesco, que elas constituem, portanto, uma família, a indo-européia, cujos membros têm uma origem comum, o indo-europeu, ao qual se pode chegar por meio do método histórico-comparativo.

A partir do século XX, o estudo da língua passa a ter caráter científico, através dos estudos de Ferdinand de Saussure, professor da Universidade de Genebra, que ministrava cursos sobre língua(gem), o qual possibilitou aos seus alunos Charles Baily e A. Sechehaye a publicação, em 1916, de uma obra póstuma, *O Curso de Linguística Geral*, base da corrente estruturalista. Assim, a língua passa a ser compreendida como um objeto de análise. Sobre os fundamentos da corrente estruturalista, Coelho et. al (2010) afirmam que

Saussure é um marco da corrente linguística denominada estruturalismo, segundo a qual a língua (i) é tomada em si mesma, separada de fatores externos; (ii) é vista como uma estrutura autônoma, valendo pelas relações de natureza essencialmente linguística que se estabelecem entre seus elementos. Ou seja, para a Saussure a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma. (COELHO et al, 2010, p. 13).

Nos anos 1950, passam a ser desenvolvidos na linguística, os estudos de Noam Chomsky, considerado o pai do gerativismo. Seus estudos enfocavam a língua a partir da frase para compreender as regras de formação de sentenças e defendia a inatividade da faculdade da linguagem, ou seja, o ser humano já nasce com essa faculdade. Sua teoria apresentava a distinção entre competência e desempenho, a primeira compreendida como a capacidade inata do ser humano de compreender as regras de funcionamento de sua língua materna, e a segunda o desempenho do falante no uso real dessa língua.

Com o passar do tempo, começou a ser discutida a concepção de língua como uma estrutura homogênea, conforme pensada por Saussure, e seguida pelos estruturalistas, que desconsideravam um fator importante na língua, o fator social, que pode influenciar na fala dos indivíduos na sociedade, e que o sujeito tem papel importante na transformação dessa língua. Passou-se a considerar que a estrutura linguística é, na verdade, heterogênea e que são fatores sociais – além dos estruturais – que condicionam a variação linguística entre os falantes. De acordo com Martin (2003, p. 122),

Há diversos fatores que influenciam no modo de falar das pessoas, como por exemplo idade, sexo, grau de escolaridade, região, entre outros. Tais fatores têm um peso muito grande na maneira de falar dos indivíduos, pois, na qualidade de ser, a linguagem faz parte da realidade; mas sua função é fornecer um reflexo desta realidade.

Nessa perspectiva, a partir da segunda metade do século XX, surgem os estudos de William Labov que vão dar origem à sociolinguística, cuja principal preocupação é com a variação linguística, e passa a considerar a língua e suas diferentes formas de uso, que irão ocorrer segundo o meio social no qual o indivíduo está inserido. Assim a língua pode, desse modo, ser analisada a partir dos dados reais da fala.

Dessa forma, ao entendermos a linguística em seu caráter científico e descritivo, concordamos com Fiorin (2003, p. 17) quando ele afirma que

o método científico supõe que a observação dos fatos seja anterior ao estabelecimento de uma hipótese e que os fatos observados sejam examinados sistematicamente mediante experimentação e uma teoria adequada. O trabalho científico consiste em observar e descrever os fatos a partir de determinados pressupostos teóricos formulados pela Linguística, ou seja, o linguista aproxima-se dos fatos orientado por um quadro teórico específico.

Nesse sentido, os estudos linguísticos se opõem a uma visão prescritivista da língua e se ancoram tanto em um enfoque histórico quanto descritivo. “Em ambos tomamos a linguagem como um traço cultural, ou explicando sua origem e desenvolvimento através do tempo ou o seu papel e meio de funcionamento real na sociedade” (MUSSALIN, 2008, p. 19).

Assim, os estudos de Saussure com o estruturalismo, as propostas de Chomsky e os estudos Labovianos, a partir de pontos de vista diferentes, colaboram no sentido de melhor se entender a estrutura e o funcionamento da linguagem humana de modo geral, bem como de uma língua particular em estudo.

Nos próximos tópicos, trataremos das línguas indígenas no Brasil e sobre a língua do povo Fulni-ô, Yaathe.

2.2 Línguas Indígenas

Ao nos dedicarmos ao estudo de uma língua indígena no Brasil, é interessante refletir acerca do apagamento das línguas indígenas com o passar do tempo, o que foi causado por diferentes motivos, desde guerras, ao interesse de

catequizar os índios, impondo sobre eles uma cultura, em um processo de hierarquização, em que o colonizador visava sobrepor uma raça sobre outra, como uma forma de homogeneizá-las, incluindo sua língua.

No período inicial da colonização, era principalmente através do discurso religioso que se promovia o apagamento do discurso indígena e da sua cultura. Os missionários aprendiam as LI com fins utilitários, mas também políticos. A língua, além da função didático-religiosa era um poderoso instrumento de trabalho, de comunicação entre colonizados e colonizadores e entre os próprios colonizados, como foi o caso das línguas gerais, para manipulação dos povos indígenas e para expansão e fortalecimento da colonização (SATURTINO, 2014, p. 4).

Ao longo do tempo, muito da cultura indígena no Nordeste foi perdido já durante o período de colonização, tendo sido a população indígena em sua maior parte assassinada, perdendo-se às vezes parte, ou toda uma cultura.

Como já dissemos, estima-se que há 500 anos existia um grande número de línguas faladas no Brasil. Presentemente, são faladas no Brasil cerca de 180 línguas indígenas.

Rodrigues (2005, p. 2) afirma que

a redução de 1200 para 180 línguas indígenas nos últimos 500 anos foi o efeito de um processo colonizador extremamente violento e continuado, o qual ainda perdura, não tendo sido interrompido nem com a independência política do país no início do século XIX, nem com a instauração do regime republicano no final desse mesmo século, nem ainda com a promulgação da “Constituição Cidadã” de 1988. Embora esta tenha sido a primeira carta magna a reconhecer direitos fundamentais dos povos indígenas, inclusive direitos linguísticos, as relações entre a sociedade majoritária e as minorias indígenas pouco mudou.

A colonização foi um período de conflitos violentos e, conseqüentemente, de perdas de territórios indígenas. As guerras acarretaram um contínuo extermínio das culturas nativas, e fizeram com que se perdesse um grande número de línguas.

A violência contra os povos indígenas não se deu apenas de forma física, mas também de forma simbólica, através de dispositivos de controle que tinham como mote exercer o domínio de uma raça sobre outra, o que fez com que muitas línguas se perdessem. Com isso, é necessário reavaliar o espaço e a importância da cultura indígena.

As línguas indígenas estão classificadas em 43 famílias genéticas, assim consideradas por apresentarem semelhanças na sua estrutura.

A maior parte das famílias linguísticas (24) estão agrupadas, por sua vez, em dois grandes troncos linguísticos – Tupi e Macro-Jê. Outras 19 famílias linguísticas não apresentam graus de semelhanças que sejam suficientes para que possam ser agrupadas como parte de um mesmo tronco. Há, também, famílias de apenas uma língua, às vezes denominadas “línguas isoladas”, por não se revelarem parecidas com nenhuma outra língua conhecida. O termo “língua isolada” é pouco significativo, já que esse isolamento provém do apagamento dessas línguas através do processo colonizador, e do extermínio desses povos que falavam outras línguas de uma mesma família. Rodrigues (2005, p.1) explica da seguinte forma:

As línguas indígenas são divididas em troncos ou famílias linguísticas. Essa classificação científica por família linguística é de natureza genética e inclui na mesma classe de línguas as que há evidências de pertencerem a uma mesma língua ancestral, analogamente às línguas românicas, que provêm do latim falado há cerca de 2.000 anos na Europa ocidental.

Dentre as línguas consideradas mortas, algumas foram documentadas e preservadas para que atualmente pudéssemos ter conhecimento da existência dessas línguas e de suas relações de parentesco, mesmo com o processo de extermínio desses povos. Como afirma Rodrigues (2005, p. 1-2),

Esse é o caso de várias famílias linguísticas do Brasil oriental, como a karirí, a kamakã e a purí. Por outro lado, entre algumas famílias têm sido reconhecidas propriedades comuns de natureza tal que só podem ser explicadas por uma origem comum mais remota do que as que justificaram a constituição de cada família. Nesse caso postula-se uma classe genética mais abrangente e de maior profundidade temporal, o tronco linguístico. No Brasil reconhece-se um tronco bem estabelecido, o tupi, que compreende dez famílias, e outro de caráter ainda bastante hipotético, o macro-jê, abrangendo doze famílias.

Dessa forma, é necessário que continuem existindo pesquisas nessa área, já que, de acordo com Rodrigues (2005, p. 2). “(...) tem-se considerado que uma língua falada por menos de 100 mil pessoas tem sua sobrevivência ameaçada e precisa de atenção.”

Fica clara a importância dos estudos sobre as línguas indígenas, visando à sua documentação, análise e classificação, sabendo-se que muitas dessas línguas se perderam no decorrer do tempo, enquanto a maior parte, ou mesmo todas, que sobrevivem correm o risco de serem extintas. Assim, esses estudos contribuem de algum modo para que essas línguas sejam transmitidas para as gerações futuras.

A seguir, trataremos especificamente da língua objeto do nosso estudo, a língua Yaathe.

2.3 A Língua Yaathe

O povo Fulni-ô vive no município de Águas Belas, Pernambuco, e conta com aproximadamente 4.689⁴ indivíduos, que preservam sua língua nativa, o Yaathe. A palavra Fulni-ô significa “o que tem rio” por estar historicamente este povo localizado às margens do Rio Ipanema, um afluente do Rio São Francisco.

Em relação ao Yaathe, palavra que na língua significa “nossa fala”, é importante ressaltar que o povo Fulni-ô são os únicos índios no Nordeste, da Bahia até o Piauí, que preservaram a língua falada pelos seus ancestrais.

Silva (2016, p. 14) afirma que

[...] os Fulni-ô mantêm viva a sua cultura e a sua língua de origem, que, na comunidade, é falada e entendida por quase todos os seus membros, mantendo-se como uma língua que exerce todas as funções para a comunidade. Por essa razão, é possível dizer que o Yaathe não corre, no momento, risco de extinção. Nas atuais circunstâncias, o que se faz necessário são medidas de fortalecimento e preservação. Nesse sentido, medidas como o incentivo ao registro escrito dessa língua e a sua documentação são de grande importância, pois ela já está sendo ensinada regularmente nas escolas da comunidade Fulni-ô, fazendo agora parte da matriz curricular.

Figura1. Mapa da localização da cidade de Águas Belas – Pernambuco.



⁴ (Siasi/Sesai,2014) <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Fulni-%C3%B4/>>

Atualmente o povo Fulni-ô têm três aldeias: a aldeia sede, localizada ao lado da cidade de Águas Belas, onde estão as instalações do posto indígena da Fundação Nacional do Índio (Funai); a comunidade Xixiakhla, em uma localidade denominada Supriano ou Barretinho; e uma terceira aldeia, onde são realizados os rituais sagrados, e chama-se Ouricuri, sendo lá que os índios se reúnem durante três meses por ano para o culto sagrado (SILVA, 2016, p.1).

Os rituais podem ser frequentados apenas pelo povo indígena Fulni-ô, e parece ser imprescindível para manter viva a cultura e a tradição religiosa. Assim, a cultura/identidade do povo indígena se mantém preservada principalmente através da língua e da religião (COSTA, 1993).

O uso da língua Yaathe é muito difundido, sendo falada por 90% da população, passando para a atual geração também como forma de preservá-la. De acordo com (COSTA, 1993), nas famílias, de modo geral, os membros, se comunicam em sua língua nativa. Silva (2016, p. 2) enfatiza essa posição: “Dão ordens ou fazem perguntas aos filhos em Yaathe, a despeito de estes, às vezes, responderem em português [...] dominam a gramática da língua, bem como outros aspectos particulares do seu uso.”

Conforme já observamos, as línguas indígenas ao longo do tempo passaram por um processo de contínuo extermínio, juntamente com outros aspectos da cultura dos povos que originalmente as falavam, tendo os indígenas sido subjugados pelo uso da violência.

Assim, nosso estudo e documentação é muito importante no sentido de contribuir para a sua preservação, e também é relevante para estudos da linguística descritiva, pois, sabemos que, “quando uma língua morre, morrem com ela sistemas inteiros de cultura, de crenças e de conhecimento” (COSTA, 2015, p.97), o que traz prejuízo para as próximas gerações, a partir do apagamento da cultura de todo um povo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, tratamos dos estudos da fonética e fonologia a partir dos estudos de Silva (2015). Na sequência, apresentamos um esboço da Fonologia do Yaathe, com base em Silva (2016). Ao final, apresentamos a metodologia da nossa pesquisa.

3.1. Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia são ramos da linguística que se ocupam do estudo dos sons da fala. Entretanto, as duas disciplinas estudam esses sons de pontos de vista diferentes.

A fonética dedica-se à descrição dos sons produzidos pelo aparelho fonador humano, podendo ser entendida como uma ciência que utiliza métodos para descrever, classificar e transcrever esses sons, a partir do ponto de vista da articulação (fonética articulatória), da percepção desses sons (fonética auditiva) e a partir do estudo de propriedades físicas dos sons da fala no percurso de um transmissor para um receptor (acústica).

O interesse da fonologia, por sua vez, é identificar um som que terá valor distintivo com relação a outros, trata de estudar os fonemas como unidades de caráter distintivo e abstrato. Por exemplo, observa a diferença entre o som [h] em *rato* e o som [b] em *bato*, demonstrando que esses sons desempenham funções distintas na língua específica.

Todavia, há algumas controvérsias no sentido da impossibilidade de alguns estudiosos entenderem a fonética e a fonologia de formas separadas. Nesse sentido, apesar de estudos mais recentes que percebem uma relação entre a fonética e a fonologia, alguns estudiosos postulam que deve haver uma separação entre elas. Trubetzkoy (1964 apud SILVA, 2007, p. 8),

[...] o estudo dos sons pertencentes à fala e que se ocupa de fenômenos físicos concretos, devesse ter de usar métodos das ciências naturais, enquanto o estudo dos sons que pertencem a sistemas linguísticos devesse utilizar apenas os métodos linguísticos, ou das ciências humanas, ou das ciências sociais, respectivamente. Designamos o estudo dos sons da fala pelo termo “fonética” e o estudo dos sons pertencentes a um sistema linguístico pelo termo “fonologia”.

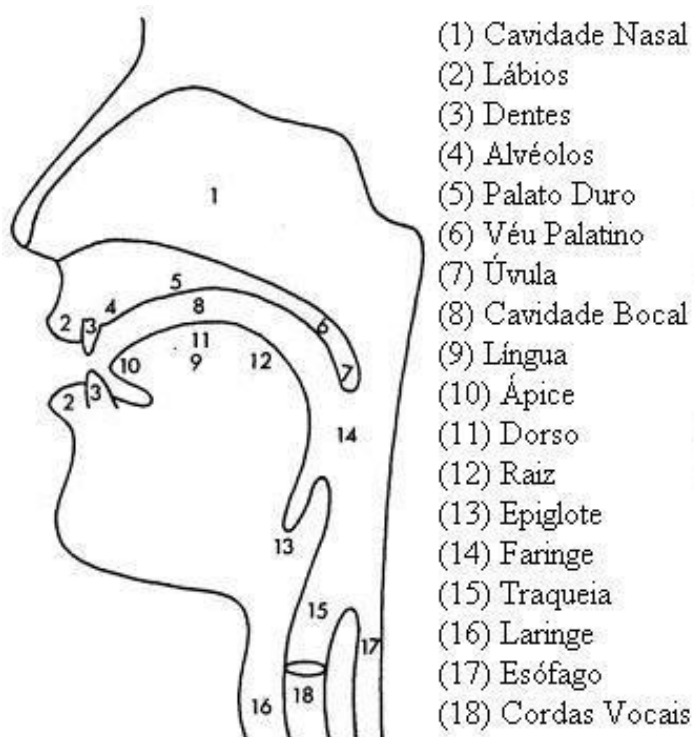
Mediante os fatos expostos, é indubitável que ambas as disciplinas possuem ligação entre si, pois investigam o mesmo objeto de estudo, a partir de objetivos e pontos de vista diferentes.

3.1.1 Fonética

A partir dos estudos da Fonética articulatória foi possível estudar a forma como os sons da fala são produzidos, levando em consideração a posição e o movimento dos articuladores. A fonética articulatória se relaciona diretamente com a anatomia e a fisiologia dos órgãos vocais utilizados na produção da fala.

Os componentes fisiológicos necessários para essa produção fazem parte do aparelho fonador, o qual é composto pelos sistemas fonatório, respiratório e articulatório. O aparelho fonador está dividido em três partes: cavidades subglotais, cavidades supraglotais, e laringe onde estão situadas as pregas vocais. O espaço em que não há a obstrução desses músculos é chamado de glote (SILVA, 2015, p. 24).

Figura 2. Aparelho fonador humano



Fonte: <<http://osaravirtualdafflch.blogspot.com/2012/04/linguística.html/>>

Os órgãos que utilizamos para a reprodução da fala não foram feitos única e exclusivamente para essa função, mas para funções primordiais para a sobrevivência, tais como respirar, comer (mastigar, engolir). Dessa forma, para poder falar utilizamos uma parte específica do corpo conhecido como aparelho fonador, cujos órgãos, segundo Silva, (2015, p. 25) “são fisiologicamente responsáveis pela produção dos sons da fala”.

A fonética articulatória começa a ser desenvolvida, como já foi dito, a partir dos primeiros estudos na área da linguística, através dos primeiros gramáticos, com Pānini, no século IV a. C. Dessa forma, a fonética articulatória é responsável por estudar a forma como produzimos a fala, do ponto de vista anatômico e fisiológico, o modo que articulamos os sons.

O sistema articulatório é composto pela faringe, língua, palato, nariz, dentes e lábios. O sistema fonatório envolve a laringe, onde estão localizadas as pregas vocais, e o sistema respiratório compreende os pulmões, músculos pulmonares, brônquios, e traqueia, que são responsáveis pela respiração.

Os articuladores presentes na produção de som podem ser ativos ou passivos. Os articuladores ativos são os que se movimentam e tocam as partes da boca, enquanto que os passivos são aqueles tocados pelos articuladores ativos. Na maioria dos fones, os ativos são os lábios e a língua; e os passivos dentes, alvéolos, palato duro, e palato mole (SILVA, 2015, p. 30).

O processo de fonação resulta da quantidade de ar que está nos pulmões, comprimindo as paredes que expulsam o ar, passando pela traqueia, e logo após para a laringe; ao chegar à glote, o ar é obstruído, fazendo vibrar (ou não) as cordas vocais e chegando até às cavidades oral e/ou nasal.

Quando o ar chega à laringe ocorre o quase fechamento da glote, e a força do ar a empurra, fazendo com que vibre as cordas vocais, produzindo um som. Dessa forma, o estado da glote será vozeado quando ao reproduzir um som vibrarem as cordas vocais, ao passo que será não vozeado ou surdo quando não há vibração das pregas vocais (SILVA, 2015, p. 27).

Na produção dos sons vocálicos ocorre a saída de ar dos pulmões (egressivo), sem que haja obstrução da saída de ar, o que ocorre nos segmentos consonantais. Dessa forma, ocorre a vibração das cordas vocais, sem fricção, são considerados sons vozeados ou sonoros. “Na produção de um *segmento vocálico* a

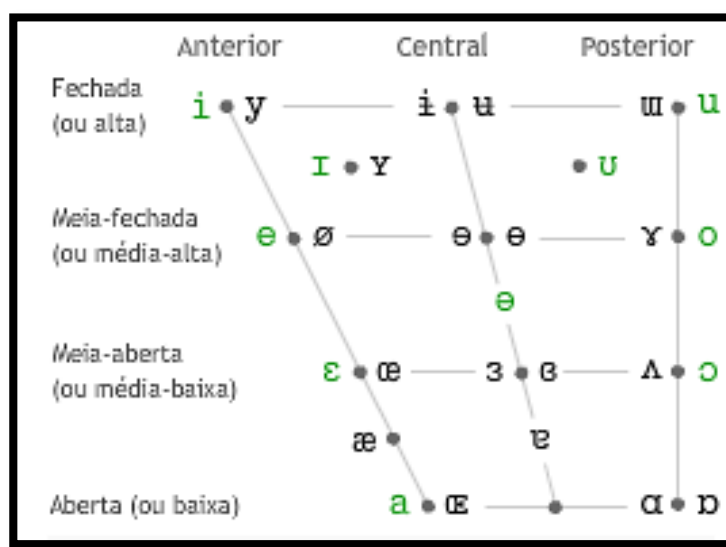
passagem da corrente de ar não é interrompida na linha central e, portanto não há obstrução ou fricção no trato vocal” (SILVA 2015, p. 26).

As vogais também podem ser classificadas em orais e nasais. As vogais orais ocorrem quando são produzidas a partir da passagem livre do ar pelos pulmões, em que o véu palatino encontra-se levantado, se estiver abaixado, o ar irá passar pela cavidade nasal, produzindo sons nasais.

Na articulação das vogais utiliza-se o corpo da língua e os lábios, os quais podem se mover no sentido vertical, para baixo e para cima, e horizontal, para a identificação das vogais podemos perceber diferentes graus de altura, através do avanço ou recuo da língua assim como a presença e ausência de protusão labial que classificam como estendidos ou arredondados (SILVA, 2015, p. 69).

Dessa forma, as vogais podem ser anteriores, como [ɛ], [e], [i] centrais, [a], posteriores, como [o], [u], [ɔ]. Quanto à altura, podem ser altas como [i], [u], médias-altas [e], e [o], médias-baixas [ɛ], e [ɔ], baixas [a] e [ɐ]. E ainda com relação ao grau de altura das vogais, elas podem ser consideradas como arredondadas, ou não arredondadas (distendidas).

Figura 4. Vogais do IPA⁵



Fonte: <AIP:<http://www.internationalphoneticalphabet.org/ipa-sounds/ipa-chart-with-sounds/>>

A partir do quadro acima, podemos observar a notação (presença) dos segmentos vocálicos, em que encontramos a seguinte ordem: *altura + posição*

⁵Alfabeto Fonético Internacional.

horizontal + formato dos lábios. O arredondamento das vogais também pode ser um caráter distintivo. As vogais destacadas em verde são as do Português brasileiro. No sistema fonológico do Yaathe, ocorrem vogais longas acentuadas, não acentuadas, bem como vogais breves acentuadas e breves não acentuadas orais e nasais. Assim como podem ser anteriores, centrais e posteriores.

Dessa forma, entender o aparelho articulador nos ajuda a compreender como se dá a produção dos sons da fala e como eles podem ser produzidos de modos diferentes. Isso nos ajuda também a entender o conceito de fonema, que nunca é representado exatamente pelo mesmo som. Existem várias formas de se pronunciar um mesmo fonema, a depender de diversos fatores que determinam a emissão desses sons pelos falantes, variando também de acordo com a região na qual está inserido. Assim, a fonética corrobora no sentido de dar os suportes necessários para entender a língua e seu funcionamento em termos do nível fonológico, a princípio⁶.

3.1.2 Fonologia

Ao falar dos aspectos fonéticos e fonológicos, faz-se necessário uma breve descrição acerca dos conceitos básicos da fonologia a fim de esclarecer a diferença entre esses elementos, como entre os conceitos de som e fonema.

Sobre os sons, podemos concordar com Jakobson (1967, p. 11 *apud* Sousa, 2011, p, 73) que “são de preocupação da fonética e os fonemas são, portanto, objeto de estudo da fonologia. A fonética é assim o estudo da substancia enquanto que a fonologia é a ciência da forma.”

Os fonemas são unidades mínimas de som que têm valor distintivo. Por exemplo, ao trocar o som [p] de *pato* pelo som [b] de *bato*, obtêm-se dois significados diferentes. O som em si mesmo não possui valor distintivo, assim, um mesmo fonema pode se manifestar através de sons diferentes.

Os sons diferentes através dos quais um fonema pode se manifestar são os alofones. Quando isso ocorre, a troca de um som por outro em uma mesma palavra não altera o seu significado.

⁶Existem estudos de fonética que enfocam outros níveis de funcionamento e análise da língua, como é o caso da prosódia da fala, que enfoca estruturas sintáticas, e da fonologia prosódica, que observa fenômenos do nível morfológico, como fronteiras de morfemas, por exemplo.

A representação dos fonemas é feita entre barras simples /p/ e a variação fonológica (alofones), ou seja, as diferentes realizações de um mesmo fonema entre colchetes [p]. O procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica. As duas palavras constituem um par mínimo (SILVA, 2015 p. 129).

Os pares mínimos podem ocorrer em ambiente idêntico ou em ambiente análogo. No primeiro caso, há distinção entre apenas dois segmentos, um em cada palavra, como entre /f/ e /v/ “faca” e “vaca”; no segundo caso, há distinção entre mais de um segmento, como entre “sapato” e “zapata”, onde as diferenças são entre [s] e [z] e entre [o] e [a] (SILVA, 2015, p. 129).

O arquifonema é a perda de contraste fonêmico em determinados contextos, quando há variação livre, ou seja, a neutralização como entre /s,z,ʃ,ʒ/ que representam o arquifonema /S/ em Português.

É muito importante para a pesquisa na área de línguas indígenas os estudos dos aspectos fonéticos e fonológicos. A fonética (BORBA, 2008, p. 99), “ocupa-se da parte significativa do signo e, portanto, estuda os sons possíveis de serem produzidos pelo aparelho fonador humano. Os fonéticos fornecem o material indispensável para a descrição fonológica”. Isso nos permite dizer que, no estudo de uma língua indígena, para que se possa compreender o sistema de sons dessa língua, a fonética e a fonologia fornecem os princípios teóricos relevantes e caminham juntas.

A seguir, apresentamos um esboço da fonologia da língua Yaathe a partir de trabalhos prévios sobre a língua, conforme já informados anteriormente.

3.2 Esboço da Fonologia do Yaathe

No nível fonológico a língua Yaathe possui “um total de 33 fonemas sendo 21 consonantais e 12 vocálicos” (SILVA, 2016, p. 12).

Os fonemas consonantais são apresentados no quadro a seguir.

Quadro 1: Fonemas consonantais da língua Yaathe.

	Labial		Coronal				Dorsal		Glotal
			+ant		-ant				
		asp		asp		asp		asp	
Não-contínuas	p	p ^h	t	d	t ^h			k	k ^h
Fricativas	f		s		ʃ				h
Africadas			ts		ts ^h	tʃ	dʒ	tʃ ^h	
Nasais	m		n						
Laterais			l		ʎ				
Aproximantes	w				J				

(Fonte: DIAS, 2017, p. 40)

Considerando que o objeto do nosso estudo é as vogais longas, apresentamos o quadro de fonemas vocálicos da língua.

Quadro 2. Inventário das vogais do Yaathe

	Anteriores				Centrais				Posteriores			
	Orais		Nasais		orais		nasais		orais		Nasais	
Altas	i	i:	ĩ	ĩ:					u	u:	ũ	ũ:
Médias altas	e	e:	ẽ	ẽ:					o	o:	õ	õ:
Médias baixas	ɛ								ɔ			
Baixas					a	a:	ã:	ã:				

(Fonte: DIAS, 2017, p. 40)

Chamando a atenção para o fato que em Yaathe ocorrem vogais breves, vogais longas, acentuadas ou não, assim como podem ser orais ou nasais.

O Padrão silábico é (C) (C)V(C), com V podendo ser uma vogal longa. Os seguintes tipos de sílabas são possíveis: V, CV, VC, CVC, CCV e CCVC. A sílaba mínima é V ou V: (SILVA, 2016, p. 13).

Os principais processos fonológicos, de acordo com Costa (1999) são: “[...] assimilação, desvozeamento, nasalização, palatalização e labialização, harmonia vocálica, alongamento compensatório, apagamentos diversos, tanto de vogais como de consoantes, fusão e elisão de vogais.”

Os fatos do sistema fonológico do Yaathe aqui apresentados são os julgados necessários para a discussão dos nossos dados e formulação dos resultados deste trabalho.

3.3 Metodologia da Pesquisa

A metodologia utilizada para a realização desse trabalho é de caráter descritivista, comumente utilizada para estudos com línguas ágrafas.

Em um primeiro momento, utilizamos dados disponíveis no Banco de Dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô), bem como em trabalhos publicados. Em seguida, coletamos novos dados na aldeia Fulni-ô, já direcionados para o nosso estudo. Foram realizadas as seguintes etapas: coleta dos dados, tratamento e transcrição, e análise dos dados.

Para a realização dessa pesquisa, a entrevista foi feita com uma índia nativa falante da língua Yaathe. Durante essa etapa, utilizamos uma lista de palavras (ver em anexo), selecionadas em Português, a partir de outros trabalhos sobre a língua, como os de Costa (1999) e o de Silva (2011) e Silva (2016), e posteriormente acrescentadas pelo grupo GELIND. As perguntas eram feitas em português e o entrevistado respondia em Yaathe efetuando assim o tipo de coleta de dados elicitados. Os dados foram registrados em áudio, com a utilização de aparelhos profissionais de gravação disponibilizados pelo grupo FONUFAL. Além disso, ao final, solicitávamos ao informante que contasse uma história de tema livre ou algo que tivesse marcado sua vida, ou sobre a cultura local em sua língua nativa.

É importante ressaltar que a coleta de dados durante a pesquisa foi extensa, mas os dados finais ficaram reduzidos devido a baixa ocorrência das vogais abertas na língua Yaathe.

Logo após essas coletas, foram realizadas as transcrições e separação dos dados correspondentes pertinentes para nossa pesquisa. As transcrições foram realizadas a partir do sistema de transcrição IPA (Alfabeto Fonético Internacional), desenvolvido pelo *Summer Institute of Linguistics* (SILVA, 2011).

Assim, a partir do que foi discutido acima, a respeito dos sons das línguas, apoiados nas bases da fonética e da fonologia, passamos a tratar especificamente da realização e função dos sons vocálicos em processos de alongamento.

4. VOGAIS LONGAS NA LÍNGUA YAATHE: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, veremos a distribuição e a função de vogais longas na língua Yaathe. Algumas dessas vogais são resultado de processos fonológicos, enquanto outras são inerentemente fonológicas.

É bastante difícil encontrar pares mínimos ou pares análogos que demonstrem o contraste entre vogais breves e longas na língua. No entanto, como também não há distribuição complementar entre esses dois tipos de vogais, em muitos casos elas são consideradas fonemas nas descrições que consultamos.

(...) as vogais longas em Yaathe são o resultado de processos morfofonológicos que vêm-se cristalizando ao longo da história da língua. Entretanto, no momento sincrônico, a maioria destas passou a fazer parte do sistema fonológico da língua, desde que, embora não criem contrastes, ocorrem sem motivação evidente, quer dizer, sem que se possam predizer essas ocorrências, em um bom número de palavras da língua e, basicamente, nas mesmas posições em que são permitidas as vogais breves correspondentes (COSTA, 1999, p. 83).

Em muitos casos, porém, as ocorrências de vogais longas são resultado de processos de alongamento compensatório, que ocorrem quando o alongamento compensa a queda de algum segmento, ainda passíveis de identificação na análise sincrônica da estrutura linguística, conforme descrito em Costa (1999). Essa autora afirma que alongamento de vogais podem ocorrer em diferentes contextos.

A seguir, apresentamos as vogais longas em Yaathe, a partir da nossa pesquisa e análise, apontando suas funções – se distintivas ou alofônicas – e descrevendo os contextos em que elas ocorrem.

4.1 Ocorrências de Vogais Longas em Yaathe

As vogais longas em Yaathe podem ser encontradas em diversos ambientes, conforme apresentamos a seguir.

4.2.1 Vogais longas com função distintiva

As vogais longas que ocorrem nos exemplos a seguir de 1) a 6) não apresentam evidência de processos fonológicos que as tenham gerado.

1)	2)
[i:sa'kalu]	[[kʰɔ:'ka]
/i:sakalu/	/kʰɔ:ka/
<i>rato</i>	<i>pescoço</i>
3)	4)
[wɛ:neka]	[po:ne'ka]
/wɛ:ne -ka/	/po:ne-ka/
abrir -IND	cair -IND
<i>abrir</i>	<i>cair</i>
5)	6)
[ɛ:neka]	[mi:ne'ka]
/ɛ:ne-ka/	/mi:ne-ka/
arrancar -IND	apertar -IND
<i>arrancar</i>	<i>apertar</i>

Por não ser encontrada evidência de processos fonológicos que tenham gerado essas vogais longas, podemos considerá-las fonemas na língua, isto é, podemos afirmar que elas desempenham função distintiva, embora não sejam encontrados pares mínimos ou análogos.

Na sequência, apresentamos vogais longas que são decorrências de processos fonológicos, especificamente de alongamentos compensatórios que ocorrem em ambientes diversos.

4.2.2 Vogais longas decorrentes de alongamentos compensatórios

Os tipos de alongamentos compensatórios que podem ocorrer em Yaathe e que geram as vogais longas sem função distintiva, isto é, vogais longas que não podem ser consideradas fonemas, são descritos a seguir.

4.2.2.1 Apagamento de sílaba /wV/

Alongamento compensatório de vogais decorrente de apagamento de uma sílaba /wV/ ou /jV/, ocorre, de acordo com Costa (1999), através dos seguintes passos:

- (i) apagamento de uma vogal átona em uma sílaba medial;
- (ii) a consoante deixada desassociada, porque consoantes, nessa língua, não podem constituir sílaba sozinhas, associa-se à coda da sílaba que a precede;
- (iii) a consoante, sendo uma das aproximantes /w/ ou /j/, é apagada, ocorrendo o alongamento da vogal precedente.

<p>7)</p> <p>[o:'ke]</p> <p>/owe -ke/</p> <p>eu -LOC</p> <p><i>aqui</i></p>	<p>8)</p> <p>[tʃɔlɔ:'ka]</p> <p>/tʃɔlowa -ka/</p> <p>esquentar- IND</p> <p><i>esquentar</i></p>
<p>9)</p> <p>[fo:ke]</p> <p>/fowa =ke/</p> <p>pedra/serra =LOC</p> <p><i>na pedra</i></p>	<p>10)</p> <p>[fe:ke]</p> <p>/feja =ke/</p> <p>terra =LOC</p> <p><i>na terra/no chão</i></p>

Quando a consoante que se desliga da sílaba pelo apagamento do vogal é /j/, o alongamento pode não se efetuar, pois esse som é permitido em coda silábica. A realização, então, pode variar entre “alongamento compensatório, manutenção da aproximante na coda silábica, apagamento da aproximante e manutenção da vogal”. Costa (1999, p. 71);

Assim, /j/ pode ter as seguintes realizações:

<p>11)</p> <p>[fe:'ke]</p>	<p>12)</p> <p>[fej'ke]</p>	<p>13)</p> <p>[fea'ke]</p>
----------------------------	----------------------------	----------------------------

4.2.2.2 Apagamento de sílaba /hV/

O alongamento compensatório que gera vogais longas sem função distintiva ocorre quando a fricativa glotal /h/ é apagada e há fusão entre duas vogais que, devido ao apagamento de /h/, entram em contato.

De acordo com Costa (1999, p. 104)

Duas vogais ficam juntas internamente a um morfema, quando uma consoante – a aproximante /h/ – é elidida: ocorre, então, um alongamento compensatório com fusão de traços, se as vogais envolvidas são /e/ [coronal -alto -baixo] e /a/ [dorsal +baixo -alto] independente da ordem em que elas se encontram. A vogal criada pela fusão passa a ter o traço mais [+baixo] de uma delas e o traço [coronal] da outra.

O exemplo 14) a seguir mostra vogal longa decorrente desse processo.

14)

[ikɛ:ka]

i= keha -ka

1SG= comer –IND

Eu como

As duas vogais adjacentes à consoante /h/ sendo iguais, como ilustrado pelo exemplo em 15) a seguir, ocorre apenas o alongamento da vogal.

15)

[i na: 'ka]

/i= naha-ka/

1SG= Ver- IND

eu vejo

4.2.2.3 Apagamento de /h/ em fronteira de clítico pronominal

Pode ocorrer também o alongamento de uma vogal em fronteira de clítico, devido ao apagamento de /h/. De acordo com Silva, (2016, p. 52), esse alongamento de vogal ocorre quando “[...] a fricativa glotal /h/ da sílaba da raiz é apagada e a vogal da sílaba precedente é alongada. A vogal dessa sílaba passa a glide [w] e associa-se com a sílaba precedente na posição de coda [...]”, conforme ilustrado pelo exemplo em 16).

16)

[e: wka]

/e= ho -ka/

3SG= ir -IND

Ele vai

4.2.2.4 Fusão de traços de vogais em fronteira de clítico pronominal

Outro alongamento ocorre entre /ta=/ e /e=/ que passa a [tɛ:] por fusão de traços das vogais /a/ e /e/ ilustrado em 17).

17)

[tɛ:jnikãma]

/ta= e= ini- ka-ma/

3SGS= 3SG0 = comprar. IND. FIN

Para ela comprar (alguma coisa)

4.2.2.5 Apagamento da sílaba /ne/ em fronteira de morfemas

Costa (1999) afirma que uma vogal oral breve passa a longa nasal em fronteira de morfema quando um morfema da forma /-ne/ é apagado, a vogal longa recebe o acento principal.

Ilustramos esse tipo de ocorrência de vogal longa não distintiva com os exemplos a seguir.

18)

[tɛfj' dʒõ:kiã]

/tɛfjɔ -ne -ka/

satisfeito -FAC -IND

estar satisfeito.

19)

[' stõ:kiã]

/sto -ne -ka/

abordar -FAC -IND

abordar/ se aproximar

20)

[wal' kã:kiã]

/walaka -ne -ka/

zombaria -FAC -IND

zombar/mangar

21)

['kfẽ:kia]

/kfe -ne -ka/

acreditar -FAC-IND

acreditar

22)

['nã:kja]

/naha-ne-ka/

ver-FAC-IND

mostrar

Em resumo, as realizações de vogais longas encontradas em Yaathe são de dois tipos principais: vogais longas orais e nasais que podem ser consideradas fonológicas ou vogais longas que são alofones de vogais breves. Essas realizações alofônicas são geradas por diversos processos, como podemos ver na descrição e análise aqui apresentada, e ocorrem em ambientes diferentes que as condicionam, principalmente em fronteiras de morfemas ou de palavras, basicamente clíticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de escrita desse trabalho, percebemos a indubitável importância de cada etapa para que chegássemos a uma conclusão, o que contribui de forma significativa para nossa formação acadêmica. Esse trabalho foi construído a partir de várias etapas, as quais tiveram início ao entrar em contato com o povo indígena.

Após a coleta dos dados, e com a utilização também do banco de dados já existente, demos início ao processo de análise, a fim de chegar a nossas hipóteses e propormos a descrição. O primeiro passo foi ouvir os dados para transcrever e selecionar de acordo com o interesse da nossa pesquisa, e embasá-los a partir de leituras feitas anteriormente, para, assim, compreender e analisar o nosso objeto de estudo. Cada etapa desse processo foi de muita importância, sabendo-se que não é uma tarefa fácil, pois exige comprometimento e atenção do pesquisador, para que os resultados finais sejam satisfatórios.

Esse estudo nos possibilitou, mesmo que preliminarmente, apresentar uma descrição e análise acerca da realização função e distribuição das vogais longas na língua Yaathe.

Foi possível concluir que, parte dessas vogais longas podem ter sido resultado de processos morfofonológicos⁷, mas já estão cristalizadas na língua, possuindo, por isso, função distintiva. Embora não ocorram pares mínimos ou análogos elas são consideradas fonemas, ou seja, com função distintiva na língua, pois, não é possível predizer quais os processos fonológicos que criaram essas vogais.

Outras vogais longas são consideradas alofônicas, ou seja, são o resultado de processos fonológicos, como o alongamento compensatório, identificáveis sincronicamente através da análise da estrutura.

Consideramos que esse trabalho é de grande importância para a língua Yaathe, a fim de corroborar com os estudos já realizados na área, e no sentido de contribuir para os materiais escritos, para o ambiente da comunidade em suas escolas, e na elaboração de gramáticas sobre a língua.

⁷ De acordo com Schwindt (2006, p. 304), Trubetzkoy (1929) desenvolve estudos em que estabelece uma relação entre a fonologia e a morfologia.

É evidente que é um fator preocupante observar o crescente processo de extermínio das línguas nativas. É urgente pensarmos a respeito da importância de pesquisadores nessa área, visando à descrição, documentação, análise, classificação e interpretação dessas línguas, que correm risco de serem extintas, de modo a promover mais reconhecimento e preservação dessas línguas, paralelamente à luta desses povos em manter viva sua etnia, suas crenças e sua cultura.

É importante enfatizar a realização de pesquisas dessa natureza, em particular pesquisas sobre a língua do povo Fulni-ô, a língua Yaathe, por ser este um povo que luta pela preservação da língua e sua cultura, tendo em vista que as línguas indígenas são consideradas minoritárias e muitas vezes apagadas, ou consideradas uma língua morta.

Agradeço mais uma vez, pela oportunidade de participar do grupo de estudos GELIND, e contribuir para uma pesquisa tão rica, e tão urgente que é estudar as línguas indígenas, que sofreram, junto com os povos que as falam, constantes massacres e conseqüentemente apagamento.

É uma experiência enriquecedora entrar em contato com uma cultura indígena e entender o quanto essas línguas possuem uma pluralidade ao qual desconhecemos, como é o caso das vogais longas, e assim como todas as línguas essas especificidades são de grande valor, para entendermos o seu real funcionamento.

Assim, temos a certeza de que ainda há muito a ser dito e a ser pesquisado sobre o tema aqui discorrido, visto que, por se tratar de um trabalho inicial, não se esgota a possibilidade de estudos sobre o tema, e podemos posteriormente dar continuidade a esses estudos.

Referências

BORBA, Francisco da silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 16ª edição, São Paulo: Pontes editores, 2008.

CÂMARA JR, J. MATTOSO. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COELHO, I.L. [et. al]. **Sociolinguística**. 6º período. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC 2010.

COSTA, Januacele Francisca da. **Descrivendo línguas brasileiras: Yaathe, a língua dos índios Fulni-ô**. Vol. 17. Natal: Revista do GELNE. Vol. 17, 2015.

COSTA, J. F. **Ya:thê, a última língua nativa do nordeste do Brasil: aspectos morfofonológicos e morfossintáticos**. (Tese de Doutorado). Recife, UFPE, 1999.

DIAS, C. S. **A função e o comportamento do traço nasal em Yaathe, língua indígena brasileira**. Dissertação (Mestrado), Maceió: UFAL, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cultrix, 2003.

IMAGEM GOOGLE. **Figura do aparelho fonador**. Fonte<<http://osarauvirtualdafflch.blogspot.com/2012/04/linguistica.html/>>. Acesso em: 13 de out. de 2018.

IMAGEM GOOGLE. **Tabela do Ipa**. Fonte S<<http://www.internationalphoneticalphabet.org/ipa-sounds/ipa-chart-with-sounds/>>. Acesso em: 13 de out. de 2018.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA) (Org.). **Povos indígenas no Brasil: Fulniô**. 2019. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Fulni-%C3%B4>>. Acesso em: 24 out. 2019.

MATEUS, M. H. M. VILLALVA, A. **O essencial sobre lingüística: Coleção o essencial**. Lisboa: Caminho, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324899410_O_Essencial_sobre_Linguistica>. Acesso em: 29 out. 2018

MUSSALIN, Fernanda. 1 ed. **Linguística I**. Curitiba: IESDE, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas Indígenas- 500 anos de descobertas e perdas**. Em - Ciência Hoje, 16:No 95. p. 20-26. 2005.

_____. **Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil**. Línguas do Brasil/Artigos, 2005.

SATURTINO, Ângela Santana. **Formas de apagamento das línguas indígenas**. Universidade Católica de Brasília, 2014.

SCHWINDT, L. C. S. A relação entre morfologia e fonologia na história dos estudos linguísticos. In: MARTINS, E. S.; CANO, W. M. MORAES FILHO, W. B. (orgs.) **Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SILVA, Adelaide Hercília Pescatori. **Língua Portuguesa I: fonética e fonologia** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.

SILVA, F. A **A sílaba em Yaathe**. Dissertação de Mestrado. Maceió: PPGL/Universidade Federal de Alagoas, 2011.

SILVA, F. A **A organização prosódica da Yaathe, a língua do povo Fulni-ô**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2016.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. Ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

SOUZA, Erika Costa de. **Consciência fonológica e fonema: discutindo os conceitos e seus empréstimos**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Alagoas, Curso de Letras, Maceió, 2011.

ANEXO

Dados coletados com a informante:

- 1) Rato [i:saka^wlu]
- 2) Deus [e:dʒa^wd^wa]
- 3) Água [o:^wja]
- 4) Entortar [ets^wdã:kia]
- 5) O que crê ['kfě:ho]
- 6) Eu trabalho[i feetô:kja]
- 7) Eu boto [i kã:kja]
- 8) Eu sentei [iki:nkia]
- 9) Mostrar ['nã:kja]
- 10)Mundo [e:fitjo]
- 11)Abrir [wε:neka]
- 12)Arrancar [lε:neka]
- 13)Eu como [ikε:^wka]
- 14)Furar [p^hɔ: ne'ka]
- 15)Eu abro [iwεne^wka]
- 16)Homem [ɔts^wka]
- 17)Árvore [tʃ^hlε^wka]
- 18)Nariz [k^hlε't^ha]
- 19)Pescoço [k^hɔ:'ka]
- 20)Língua [ktsa^wlε]
- 21)Ombro [khε:lε'ka]
- 22)Noite [ft^hε'a]
- 23)Ruim [„εlka]
- 24)Quente [t^hɔ^wwa]
- 25)Grande [„hεsa]
- 26)Triste [ε^wtʃado]
- 27)Igreja [„klεja]
- 28)Bico [thε'thε]
- 29)Pimenta [mɔ:'mɔ]
- 30) Zombar [wal'kã:kia]

31) Abordar ['stõ:kia]

32) Satisfeito [tetʃi'dʒõ:kia]